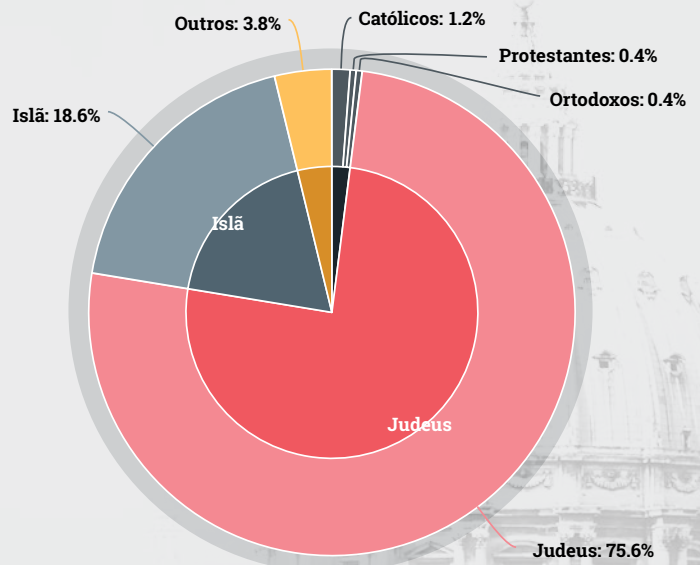


Israel



DISPOSIÇÕES LEGAIS EM RELAÇÃO À LIBERDADE RELIGIOSA E APLICAÇÃO EFETIVA

Estabelecido em 1948, Israel define-se a si próprio como um estado judaico e democrático.^[1] Os judeus em todo o mundo que cumprem certos critérios têm direito a tornar-se cidadãos deste estado. Em 1967, Israel conquistou Jerusalém Oriental, a Cisjordânia, Gaza e os Montes Golã. Até hoje, estes territórios são disputados e a Assembleia Geral da ONU, o Conselho de Segurança da ONU e o Tribunal Internacional de Justiça consideram-nos como territórios sob ocupação, com algumas partes ilegalmente colonizadas.^[2] Em abril de 2016, o primeiro-ministro de Israel Benjamin Netanyahu disse que o país nunca iria devolver os Montes Golã à Síria.^[3] Negociações para uma solução com dois estados em relação aos Territórios Palestinos não tiveram sucesso. A última ronda de negociações bilaterais entre israelitas e palestinos com

o apoio dos Estados Unidos falhou em abril de 2014. Desde então, houve vários surtos de violência. O mais sangrento foi a Guerra de Gaza no Verão de 2014. Mais de 2 mil palestinos, incluindo pelo menos 296 crianças,^[4] morreram depois de Israel ter reagido a mísseis disparados indiscriminadamente por militantes de Gaza para Israel. A reação de Israel incluiu ataques aéreos e uma ofensiva parcial no terreno. Morreram setenta israelitas, incluindo sessenta e quatro soldados.^[5]

No outono de 2014 e no outono de 2015, a violência propagou-se por Israel e pelos Territórios Palestinos. A maior parte destes ataques foram realizados por jovens judeus. A chamada Intifada das Facas (ataques com esfaqueamentos), que começou em outubro de 2015, custou, até agora, as vidas de mais de 200 palestinos e de mais de trinta israelitas. As perspectivas de paz e de uma resolução negociada para o conflito parecem difíceis.

O maior grupo não judaico no país são os palestinos sunitas. A maioria dos cristãos israelitas são palestinos árabes que têm nacionalidade israelita. A maioria pertence à Igreja Greco-Católica Melquita e à Igreja Católica de Roma, seguidas da Igreja Ortodoxa Grega. Há também outras minorias, incluindo os cerca de 102 mil membros da comunidade drusa. Em 1957, os drusos foram designados como comunidade étnica distinta pelo Governo, a pedido dos seus líderes religiosos.

[1] As "leis básicas e a Declaração de Independência referem Israel como um 'estado judaico e democrático.'" (<https://freedomhouse.org/report/freedom-world/2008/israel>).

[2] Gaza representa uma situação mais complicada. Israel alega que já não ocupa Gaza, mas mesmo assim controla seis das suas sete fronteiras terrestres, bem como as suas zonas marítimas e espaço aéreo. Ver Iain Scobbie, "Southern Lebanon" in *International Law and the Classification of Conflicts*, ed. Elizabeth Wilmshurst (Oxford: Oxford University Press: 2012), p. 295.

[3] http://www.nytimes.com/2016/04/18/world/middleeast/israel-will-never-give-golan-heights-to-syria-netanyahu-vows.html?_r=0

[4] <http://www.ynetnews.com/articles/0,7340,L-4553654,00.html>

[5] <http://www.jpost.com/Operation-Protective-Edge/50-days-of-Israels-Gaza-operation-Protective-Edge-by-the-numbers-372574>

Israel não tem Constituição formal, por isso, é necessário referir a declaração de independência de 1948 para as disposições que dizem respeito à liberdade religiosa. De acordo com o texto dessa declaração, “o Estado de Israel garantirá total igualdade de direitos sociais e políticos a todos os seus habitantes, independentemente da religião, raça ou sexo; garantirá a liberdade religiosa, de consciência, língua, educação e cultura; salvaguardará os Lugares Sagrados de todas as religiões; e será fiel aos princípios da Carta das Nações Unidas.”^[6] O Supremo Tribunal Israelita decidiu que a Lei Básica sobre a Dignidade e a Liberdade Humanas estão na base das liberdades fundamentais como a religião.^[7]

O Judaísmo não é a religião oficial do Estado. As instituições estatais são seculares e funcionam de acordo com o modelo das democracias ocidentais. Apesar disso, as disposições específicas do Judaísmo predominam na prática social, como por exemplo a observação do sábado como dia sagrado, a alimentação *kosher*, etc. Isto pode criar tensões entre judeus praticantes e judeus não religiosos. Os cidadãos não judeus têm em teoria os mesmos direitos e obrigações civis que os cidadãos judeus; e na prática podem participar em eleições, pertencer a partidos políticos e ser eleitos para o Parlamento. Mesmo assim, o seu papel é insignificante na vida política, e, com algumas exceções, nomeadamente no caso dos drusos, não são chamados a prestar serviço militar. Contudo, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu favorece a admissão de cristãos árabes no exército israelita.^[8]

As conversões de uma religião a outra são legais, mas podem enfrentar considerável pressão social.

O proselitismo é legal para todos os grupos religiosos. A lei proíbe a oferta de benefícios materiais como forma de induzir à conversão. É igualmente ilegal converter uma pessoa com menos de 18 anos, a não ser que um familiar pertença ao grupo religioso que procura converter o menor.^[9]

As questões do foro pessoal são regulamentadas pelas comunidades religiosas reconhecidas às quais um cidadão pertence. Não há casamento civil, mas os casamentos civis realizados no estrangeiro são reconhecidos. No âmbito dos termos da lei religiosa judaica, os casamentos inter-religiosos, por exemplo entre judeus e não judeus, não são possíveis. Embora os homens muçulmanos possam casar com mulheres judias ou cristãs, as mulheres muçulmanas não podem.

O Conselho Rabínico Principal não reconhece não ortodoxos convertidos ao Judaísmo e, como tal, os judeus reformados e conservadores convertidos não podem casar ou divorciar-se no país ou ser enterrados em cemitérios judeus.^[10]

[6] www.mfa.gov.il/mfa/foreignpolicy/peace/guide/pages/declaration%20of%20establishment%20of%20state%20of%20israel.aspx

[7] https://www.knesset.gov.il/laws/special/eng/basic3_eng.htm

[8] <http://www.haaretz.com/israel-news/.premium-1.631807>

[9] <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm#wrapper>

[10] <http://www.state.gov/documents/organization/238670.pdf>

A Santa Sé está atualmente negociando um acordo com Israel sobre o estatuto fiscal e legal das instituições católicas em Israel. Espera-se um acordo há anos, mas este ainda não foi concluído.^[11]

INCIDENTES

Após o convite do Papa Francisco, em junho de 2014, o presidente israelita Shimon Peres rezou pela paz nos jardins do Vaticano, em conjunto com o seu homólogo palestino, Mahmoud Abbas.^[12]

Em setembro de 2014, a decisão do Ministério do Interior israelita de que os cidadãos árabes cristãos palestinos em Israel podem agora alterar o seu registro no Ministério, passando de árabes a “arameus”, foi denunciada pelos bispos católicos da Terra Santa como “uma tentativa de separar os cristãos palestinos dos outros palestinos”. Num comunicado, a Comissão de Justiça e Paz da Assembleia de Ordinários Católicos denunciou o que considerou como as motivações ideológicas das medidas. Tal como referido na imprensa israelita, em 16 de setembro, o ministro do Interior israelita assinou uma medida para reconhecer a identidade “aramaica” como identidade nacional distintiva. A decisão foi tomada para permitir que 200 famílias cristãs se identifiquem como pertencendo à antiga nacionalidade nos seus documentos de identidade.^[13]

Em novembro de 2014, tensões entre palestinos e israelitas atingiram um pico em Jerusalém, quando as autoridades encerraram o acesso ao Monte do Templo, uma medida rara que não aconteceu na última década. A polícia israelita disse que tinha fechado o Monte do Templo “para prevenir distúrbios” após a tentativa de assassinato do controverso ativista e membro do Knesset, Rabino Yehuda Glick. O Rabino Glick é um defensor do acesso judaico aos lugares sagrados fortemente contestados de Jerusalém. Estava em estado muito grave no hospital. O porta-voz do primeiro-ministro, Ofir Gendelman, declarou que o encerramento era “temporário e destinava-se a prevenir motins e o aumento da violência, além de pretender repor a calma e o status quo nos Lugares Sagrados”. A polícia israelita matou a tiro o suspeito de tiroteio ao Rabino Glick. Uma unidade israelita de contra terrorismo cercou a casa de Muataz Hijazi, um antigo preso palestino e membro da Jihad Islâmica. O porta-voz da polícia, Mickey Rosenfeld, disse no Twitter que Hijazi tinha disparado sobre a polícia, que por sua vez disparou sobre ele em retaliação, matando-o. Isto é contestado pela tia de Hijazi, que alega que a polícia o espancou antes de o matar.^[14]

[11] http://fides.org/en/news/59659-ASIA_JORDAN_The_Catholic_Bishops_of_the_Holy_Land_discuss_the_agreements_still_suspended_between_Israel_and_the_Holy_See#.Vzb8ifmLSM8

[12] <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-27754663>

[13] http://fides.org/en/news/36384-ASIA_HOLY_LAND_The_Catholic_Bishops_the_recognition_of_the_Aramean_nationality_aims_to_divide_the_Palestinian_Christians_from_others#.VzctsPmLSM8

[14] <http://edition.cnn.com/2014/10/30/world/meast/temple-mount/> e <https://www.theguardian.com/world/2014/oct/30/israel-closure-al-aqsa-mosque-temple-mount->

Em novembro de 2014, cinco israelitas foram mortos e gravemente feridos quando dois palestinos armados com uma pistola e um cutelo atacaram a sinagoga de Bnei Torah Kehilat Yaakov, em Jerusalém Ocidental. A sinagoga localiza-se na Rua Harav Shimon Agassi, onde vive a comunidade majoritariamente judaica ortodoxa do bairro de Har Nof. Os dois palestinos que levaram a cabo o ataque foram mortos a tiro pela polícia.^[15]

Em fevereiro de 2015, um incêndio intencional danificou um seminário ortodoxo grego perto da Cidade Antiga de Jerusalém. Pichações anticristãs em hebraico no local sugeriam que o incidente era um crime de ódio. Incluía-se o slogan “Sião será redimida” e um insulto contra Jesus e a sua Mãe Maria.^[16]

Em abril de 2015, túmulos e lápides foram danificados, com várias cruzeiras partidas no cemitério de Kafr Bir'im, no local de uma aldeia maronita no norte de Israel, não muito longe da fronteira libanesa. “O guarda do cemitério no chamou imediatamente. O ataque nos surpreendeu, apesar de não ser o primeiro”, disse o Monsenhor Salim Soussan, o Vigário Geral Maronita do Arcebispado de Haifa e da Terra Santa. Acrescentou: “Esta é a sétima vez que o cemitério foi atacado, a sexta nos últimos dez anos, e a polícia nunca conseguiu encontrar os responsáveis.” A aldeia de Kafr Bir'im foi arrasada pelo exército israelita em 1953, deixando apenas de pé a igreja e os seus recintos.^[17]

Em abril de 2015, o judeu de 25 anos Shalom Sherki foi morto quando um carro arrasou deliberadamente o ponto de ônibus onde ele estava, no distrito Monte Francês em Jerusalém. O ataque, que ocorreu no Dia da Memória do Holocausto, também causou a hospitalização em situação crítica de uma jovem, Shira Klein. Sherki salvou a vida da menina ao empurrá-la para longe. A polícia considerou como suspeito do ataque Khaled Koutineh, de 37 anos, originário de Anata na Cisjordânia.^[18]

Em junho de 2015, um ataque de fogo posto foi levado a cabo à Igreja Católica da Multiplicação dos Pães e dos Peixes, em Tabgha. Ao falar à ACN, o Bispo Auxiliar William Shomali, do Patriarcado Latino de Jerusalém, expressou a sua consternação. Referindo uma série de incidentes semelhantes nos últimos anos, o Bispo Shomali comentou: “Há um verdadeiro progresso da violência anticristã: de um pequeno incêndio que causa poucos danos a um grande incêndio e finalmente a um ataque com fogo destinado a produzir grandes danos e mesmo a matar. Podemos perguntar: o que é que virá a seguir?” Foram causados grandes danos à entrada da igreja e no próprio mosteiro. Partes

do complexo foram totalmente queimados. Judeus extremistas foram suspeitos de realizar o ataque depois de terem sido encontrados no local pichações com uma oração em hebraico denunciando “falsos ídolos”. Um monge e um membro do pessoal foram levados para o hospital, onde foram tratados por inalação de fumaça, da qual mais tarde se recuperaram. O crime foi condenado pelos líderes políticos de Israel^[19] e, em setembro de 2015, o procurador geral de Israel anunciou que o Estado de Israel iria disponibilizar uma indenização. O anúncio seguiu-se à rejeição por parte da autoridade tributária israelita da reivindicação da Igreja pelos danos do incêndio intencional, afirmando que a natureza terrorista do incêndio não era demonstrável. As leis apenas preveem indenização por atos de violência causados pelo conflito árabe-israelense.^[20] O priorado sofreu danos que totalizam mais de US\$1,7 milhões (€1,6 milhões).

Em julho de 2015, após a distribuição de folhetos anticristãos em Jerusalém, o Bispo Auxiliar William Shomali apelou a que as pessoas estivessem vigilantes. “De alguma forma, temos de levar a sério estas ameaças. Seria suficiente que três jovens fundamentalistas, armados com facas, atacassem uma casa cristã para causar o pânico na comunidade cristã”, disse o Bispo Shomali à ACN. Os folhetos distribuídos por um grupo que se auto intitula de “Estado Islâmico na Palestina” apelavam aos cristãos para abandonarem a cidade até 18 de julho, no final do mês islâmico de jejum do Ramadã. Estavam ameaçados de morte, caso não cumprissem. Os folhetos em língua árabe tinham a bandeira preta do EI.^[21]

Em setembro de 2015, o Gabinete das Escolas Cristãs na Terra Santa e o Ministério da Educação israelita chegaram finalmente a um acordo. Após três semanas de greve, as quarenta e sete escolas cristãs que funcionam no Estado de Israel reabriram as suas portas a 33 mil estudantes e o novo ano escolar teve finalmente início. Estudantes, pais e professores tinham-se manifestado contra o corte maciço nas contribuições estatais ao longo dos últimos anos. Os subsídios estatais, que até há uns anos atrás abrangiam 65% dos custos, agora não abrangem nem 30% das despesas.^[22]

Em setembro de 2015, a polícia israelita invadiu a praça no exterior da mesquita al-Aqsa em Jerusalém, no que descreveram como um esforço para impedir tentativas de perturbação na véspera da celebração do Rosh Hashanah (Ano Novo judaico). A polícia usou gás lacrimogêneo e atirou granadas de atordoamento a jovens palestinos que se barricaram dentro da mesquita e atiraram pedras e tochas, de acordo com uma testemunha entrevistada pela agência Reuters. Não foram relatados ferimentos graves e o complexo foi aberto aos visitantes após a violência ter terminado. O presidente palestino Mahmoud Abbas “condenou firmemente a agressão dos israelitas que invadiram a mesquita al-Aqsa esta manhã

mahmoud-abbas-war

[15] <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-30092720>

[16] <http://www.reuters.com/article/us-israel-palestinians-seminary-idUSKBN0LU0XP20150226>

[17] <http://www.asianews.it/news-en/Maronite-vicar-says-Israeli-police-doing-nothing-to-catch-vandals-who-attacked-Christian-graveyard-33996.html>

[18] <http://www.timesofisrael.com/thousands-attend-funeral-for-jerusalem-car-ramming-victim/>

[19] <http://www.acn-aed-ca.org/holy-land-what-will-come-next/>

[20] http://fides.org/en/news/58421-ASIA_ISRAEL_Compensation_for_the_burning_of_the_church_in_Tabgha#.VzcB4vmLSM8

[21] <http://www.acn-aed-ca.org/tag/msgr-shomali/>

[22] http://fides.org/en/news/58461-ASIA_ISRAEL_Agreement_reached_with_the_government_Christian_schools_put_an_end_to_the_strike#.VzcBafmLSM8

com tropas e ocupação policial". O responsável pela mesquita, Radwan Amr, disse que trinta e duas janelas ficaram total ou parcialmente destruídas, uma porta foi partida e o tapete queimado em doze lugares.^[23]

Após estes eventos, a entrada de homens muçulmanos no complexo do Monte do Templo em Jerusalém foi ainda mais restringida. Depois de um encerramento temporário, o local foi reaberto, mas apenas para homens com mais de 50 anos, embora as mulheres de todas as idades fossem admitidas. Isto foi feito para prevenir manifestações de jovens muçulmanos. O limite de idade para os homens foi considerado pouco habitual. "A polícia tem feito esforços intensos ao longo do período das Grandes Festas para permitir que os crentes de todas as religiões expressem a sua fé e celebrem os seus festivais em paz e segurança", disse a polícia numa declaração. A violência ocorreu quase diariamente no Monte do Templo ao longo do outono de 2015, com o *Haaretz* relatando que os muçulmanos alegam que Israel está tentando alterar o status quo nos lugares sagrados.^[24] Em outubro, o primeiro-ministro israelita Netanjahu rejeitou estas alegações, dizendo que as autoridades estavam tentando "defender o *status quo*".^[25]

Em dezembro de 2015, o primeiro-ministro israelita disse que os cristãos do Oriente Médio são perseguidos e mortos "pelo Islã radical" e que o único estado na região que protege os Cristãos "é o Estado de Israel". Os comentários de Netanyahu à situação dos cristãos no Oriente Médio estão contidos numa mensagem em vídeo que ele dirigiu aos membros do Fórum Israelita de Recrutamento de Cristãos, que apoia a inscrição de soldados cristãos no exército israelita.^[26]

Em dezembro de 2015, Genadi Kaufman, um judeu que trabalha na manutenção do Túmulo dos Patriarcas em Hebron, foi esfaqueado até à morte. O túmulo, que se crê ser o lugar de descanso final do patriarca bíblico Abraão e dos seus familiares, é reverenciado por judeus e muçulmanos. O lugar foi um foco local das tensões que surgiram em Israel ao longo da última parte de 2015.^[27]

Durante o mesmo mês, as autoridades israelitas emitiram 600 autorizações para que os cristãos que vivem na Faixa de Gaza possam visitar os Lugares Sagrados durante a época do Natal. De acordo com fontes palestinas, as autoridades israelitas se recusaram a emitir autorizações para cristãos entre os 12 e os 30 anos, o que significou que inúmeras famílias não podiam realizar a visita em conjunto.^[28]

[23] <http://www.reuters.com/article/us-israel-palestinians-idUSKCN0RD0C420150913>

[24] <http://www.haaretz.com/israel-news/.premium-1.677779>

[25] <http://mfa.gov.il/MFA/PressRoom/2015/Pages/Statement-by-PM-Netanyahu-regarding-the-Temple-Mount-24-Oct-2015.aspx>

[26] http://fides.org/en/news/59020-ASIA_ISRAEL_Netanyahu_Israel_is_the_only_State_in_the_Middle_East_that_protects_Christians#.VzcAwvmlSM8

[27] <http://www.timesofisrael.com/3-weeks-after-attack-israeli-stabbed-in-hebron-dies/>

[28] http://fides.org/en/news/59057-ASIA_HOLY_LAND_600_Israeli_permits_to_Christians_in_Gaza_to_visit_the_holy_places_at_Christmas#.Vzb-3fmLSM8

Em dezembro de 2015, a Assembleia de Bispos Ordinários Católicos da Terra Santa condenaram declarações anticristãs feitas pelo Rabino Benzi Gopstein e apresentaram queixa contra ele. Num website ultra ortodoxo Kooker, Gopstein publicou uma proposta para proibir os feriados cristãos e escreveu: "Vamos retirar os vampiros antes que eles bebam uma vez mais o nosso sangue." Além disso, acusou os cristãos de quererem fazer proselitismo no estado judaico.^[29] Em agosto, o Rabino Gopstein disse que as igrejas em Israel deviam ser destruídas, pois são lugares de idolatria.^[30]

Em janeiro de 2016, o cemitério do mosteiro salesiano de Beit Gemal, em Beit Shemesh, foi profanado e as cruzes de madeira e betão colocadas sobre vários túmulos foram destruídas.^[31]

Em janeiro de 2016, a Abadia da Dormição em Jerusalém foi novamente atacada por vândalos. As paredes e portas do mosteiro beneditino nos arredores da Cidade Antiga de Jerusalém foram desfiguradas. Os edifícios pertencentes às Igrejas Ortodoxa Grega e Apostólica Armênia foram também atacados. As pichações, escritos em hebraico em vários tipos de letra diferente, diziam: "Vão para o inferno, cristãos", "Morte aos cristãos pagãos, inimigos hereges de Israel", "Vingança para os israelitas" e "Que o Seu nome seja apagado". Foi também desenhada uma espada escorrendo sangue próximo da Estrela de David.^[32] Pouco depois, a polícia israelita anunciou que tinha interceptado dois suspeitos: dois judeus com 15 e 16 anos. O primeiro-ministro israelita Benjamin Netanyahu condenou publicamente o ato de vandalismo, reiterando que "Israel é um país onde os cristãos e outras religiões gozam de liberdade de culto".^[33]

Em janeiro de 2016, o Supremo Tribunal rejeitou a mais recente petição do caso Cremisan, que tinha sido submetido pelo Convento das Irmãs Salesianas, no município de Beit Jala, e por proprietários de terras cristãos. O Supremo Tribunal de Israel rejeitou uma petição para obrigar o exército israelita a divulgar o percurso exato do Muro da Cisjordânia no Vale de Cremisan, antes de ter início a sua construção. "Esta rejeição fragilizou a sua confiança na justiça e vai levar algumas pessoas a vender os terrenos e a irem embora", disse à ACN o Bispo Auxiliar William Shomali. "As pessoas sentem-se muito frustradas e deprimidas. Quanto à promessa de permitir que os proprietários tenham acesso total às suas terras, não é suficiente. Isto significa que os proprietários podem usar as suas terras para plantar uvas e azeitonas, mas não para construir uma casa. O próprio acesso pode ser negado no futuro, uma vez que a terra por trás do muro vai fazer parte de Jerusalém.

[29] http://fides.org/en/news/59096-ASIA_ISRAEL_Catholic_Bishops_react_to_shocking_statements_of_a_Rabbi_against_Christian_vampires#.Vzb-KfmLSM8

[30] <http://en.lpj.org/2015/08/10/aochl-files-complaint-against-the-rabbi-gopstein/>

[31] http://fides.org/en/news/59145-ASIA_HOLY_LAND_Christian_cemetery_in_Beit_Gemal_desecrated#.Vzb9uvmlSM8

[32] <http://www.acn-aed-ca.org/tag/acn-press/>

[33] http://fides.org/en/news/59234-ASIA_HOLY_LAND_Two_suspects_for_acts_of_sectarian_vandalism_against_the_Dormition_church_have_been_arrested#.Vzb89fmLSM8

Para ir lá, é necessária uma autorização e as autorizações podem ser negadas”, disse o bispo.

O tribunal afirmou que, embora aprove a construção do muro, baseada em necessidades de segurança, os proprietários de terras têm direito a opor-se a qualquer percurso que não mantenha o seu direito de acesso às suas terras. Além disso, às Irmãs Salesianas foi concedido o direito de se oporem ao percurso final, que poderá dividir o seu convento e escola. O tribunal concedeu a ambas as partes o direito a oporem-se ao atual percurso ou a qualquer percurso futuro, independentemente da atual construção do muro em Bir Onah, Beit Jala.^[34]

A disputa legal entre proprietários de terras cristãos no Vale de Cremisan e o exército israelita existe desde 2006. Os procedimentos estão sendo seguidos de perto pela comunicação social e também por diplomatas em Israel. O Papa Francisco também interveio. Mas os pequenos sucessos ao longo do último ano acabaram por dar lugar à desilusão. Com a decisão do Supremo Tribunal, cinquenta e oito famílias cristãs parecem destinadas a perder as suas terras por causa do muro de segurança ou pelo menos têm acesso limitado a elas.^[35] Desde agosto de 2015, o exército israelita está construindo a extensão do Muro da Cisjordânia na área, em especial em terras privadas de Beir Onah, Beit Jala.^[36] O trabalho de construção intensificou-se no início de abril de 2016. Os guindastes estão agora colocando seções de oito metros de altura de betão na terra onde costumava haver plantações de oliveiras. Numa declaração, o Patriarcado Latino de Jerusalém disse: “A construção de um muro de separação e o confisco injusto de terras pertencentes a famílias cristãs em Beit Jala é uma infração violenta do processo de paz”.^[37]

Em janeiro de 2016, no que foi considerado como um marco histórico para os movimentos judaicos não ortodoxos em Israel, o conselho de ministros votou para alargar o espaço de oração no Muro das Lamentações que não segrega homens e mulheres, e para consagrar a decisão na lei. Líderes dos movimentos reformadores e conservadores em Israel e na América do Norte acolheram o acordo como um avanço na sua luta pelo reconhecimento do estado judaico. A liderança haredi profundamente ortodoxa, juntamente com membros da liderança nacional-religiosa conservadora, denunciou firmemente o acordo e votou contra ele no conselho de ministros, mas não se opôs ativamente ao acordo, nem ameaçou fazer cair o Governo.^[38]

Em março de 2016, o Supremo Tribunal de Justiça decidiu que

[34] <http://www.saintyves.org/?MenuId=3&Lang=1&TemplatId=news&id=129&catId=1&full=1>

[35] <http://www.acn-aed-ca.org/the-wall-separating-israel-and-palestine/>

[36] <http://www.saintyves.org/?MenuId=3&Lang=1&TemplatId=news&catId=1&full=1&id=129>

[37] <http://en.lpj.org/2016/04/08/cremisan-latin-patriarchate-distressed-in-the-face-of-injustice-against-christian-families/>

[38] <http://www.jpost.com/Israel-News/Cabinet-approves-historic-decision-to-create-Western-Wall-egalitarian-prayer-space-443362>

aos judeus reformados e conservadores não podia ser negada entrada nos *mikvehs* (banhos rituais) estatais no âmbito do seu processo de conversão. A decisão respondeu a um recurso do Centro de Ação Religiosa de Israel, o braço de defesa do Movimento Israelita para o Judaísmo Progressista, que apresentou ambos os grupos não ortodoxos. Os *mikvehs* em Israel são geridos pelos conselhos religiosos ortodoxos e os convertidos reformados e conservadores são frequentemente impedidos de os usarem quando se levantam questões sobre a sua filiação. Todos os movimentos judaicos requeiram a imersão num *mikveh* como passo final no processo de conversão. Os movimentos reformados e conservadores convertem várias centenas de não judeus em Israel todos os anos. Estes convertidos são identificados como judeus no Registo Populacional, mas, uma vez que não são reconhecidos pelo Conselho Rabínico Principal gerido pelos ortodoxos, não estão autorizados a casar.^[39]

Em maio de 2016, foi tomada uma decisão para reforçar a segurança no cemitério judaico do Monte das Oliveiras, após um surto de violência contra visitantes e após as sepulturas terem sido incendiadas, partidas ou riscadas com pichações. O cemitério, que ainda é usado, data de há 3 mil anos, no período do Primeiro Templo. As novas medidas de segurança para o local incluirão vedações e portões, e custarão 358.423 €.^[40]

PERSPECTIVAS PARA A LIBERDADE RELIGIOSA

Em maio de 2016, o Patriarca Latino Fouad Twal disse que Israel, “embora se proclame como estado secular e democrático, está na realidade se comportando como um regime militar de denominação judaica”. E acrescentou: “É a primeira vez que uma minoria cristã vive num estado judaico, com todas as consequências associadas a ser uma minoria; e é o primeiro caso na história em que uma maioria judaica tem um estado. Mas esta maioria continua se comportando, e sobretudo se defendendo, como se fosse de fato uma minoria, com a tentação de viver como estado teocrático inspirado pela Bíblia e não como estado secular.”^[41] Em Israel, a religião e o nacionalismo podem estar ligados, o que causa problemas para as minorias religiosas como os muçulmanos e os cristãos. As infrações aos seus direitos religiosos, no entanto, são frequentemente mais motivadas por razões políticas do que especificamente por razões religiosas. Mas há uma tendência entre os grupos da extrema direita israelita para atacar não-judeus e as suas instituições apenas por razões religiosas.

[39] <http://www.haaretz.com/israel-news/.premium-1.702891>

[40] <http://www.jewishpress.com/news/breaking-news/attacks-on-jews-at-ancient-cemetery-cause-israel-to-beef-up-security/2016/05/24/>

[41] http://fides.org/en/news/59835-ASIA_HOLY_LAND_The_Latin_Patriarch_of_Jerusalem_Israel_behaves_as_a_theocratic_State#.VzbW8PmLSM8